

# A PATRIA

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

## ASSIGNATURA

|   |          |
|---|----------|
| Em Ovar, (villa) semestre . . . . .                         | 500 réis |
| Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . . | 600 >    |
| Brazil, semestre . . . . .                                  | 700 >    |
| Avulso . . . . .  | 20 >     |

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos &amp; Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Anuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis  
Permanentes e reclames a preços convencionees.

Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

## Monarquia Nova...

Serventuario e consocio do ultramontanismo, o "radioso,, reinado manuelino renega a escassa independencia das leis liberaes vijentes para não ter que aplicar castigo a prelados delinquentes e relapsos, a jezuitas dominadores, e a toda a comparsaria reaceonaria sedenta de chacinas e desenfreado dominio.

E' uma "monarquia nova,, prostrada, de cetro e corò, ante a onipotente roupeta da Companhia de Jezus; é um "reinado liberal,, tacitamente conforme com uma situação que, a não sêr abrogada, pela vitoria da Liberdade sobre a tirania, liquidará, ignominiozamente, numa especie de Paraguay servilista.

Tal é a "monarquia liberal,,...

Tal é a "monarquia nova,,...

### Mais Béja

A revolta do bispo de Beja occupa ainda muitas columnas da imprensa diaria.

Os jornaes affectos ao governo, com uma habilidade já muitas vezes comprovada e bem caracteristica, defendem o rebelde prelado, e mais do que isso, confundem, embrulham e atrapalham a simples e bem clara questão.

Por necessidade d'essa defeza ingrata tal e tanto teem affirmado que conseguiram modificar-lhe o aspecto, sem, ao que nos parece, lhe ter diminuido a gravidade.

Já dizem agora que o procedimento do ministro Medeiros deriva tão só de o bispo não ser affecto á politica dissidente; como affirmam os outros monarchicos que a protecção dispensada ao valiente prelado por parte do snr. José Luciano é apenas uma vingança d'este contra o seu ex-correligionario Medeiros, no que de resto é useiro e veseiro o homem dos Navegantes.

Pouco nos importam essas mutuas accusações e queremos crêr que muito de verdade haja em todas ellas.

Tambem não é a figura minima e apagada do Padre Sebastião que nos força a pegar de novo na penna, como não é a sympathia ou antipathia que porventura nos mereçam os padres Ançãs de cuja vida, costumes e razão nada conhecemos nem queremos conhecer.

Para nós, são todos o mesmo e isso basta.

O que nos leva a occupar do curioso caso é a questão de saber se d'esta embrulhada sae vencedor o poder civil—mesmo aleijado e tórto como o temos—ou o poder clerical, hoje senhor e usufructuario d'este paiz e conquistas.

Ora o que infelizmente é verdade, é que para maior honra e gloria, não de Deus mas do radioso reinado que decorre, a clericalha levou a sua ávante e com um arreganho e audacia, com uma valentia e coragem que nós—em portuguezes—costumamos vêr só nas campanhas coloniaes.

Nem digam os defensores bispaes que a lei de 45 tinha-se entendido até aqui de fôrma a auctorisar o procedimento do bégense, porque se era d'uso os ministros contentarem se com a simples communicacão prelatia, é bem certo tambem que uma praxe não pôde alterar uma lei que um ministro póle, ao cuidado de desleixados antecessores, fazer cumprir rigorosamente.

O principio de que—quem cala, consente—póde ser muito verdadeiro e muito commodo, mas não pôde nunca ser adoptado como norma reguladora nas repartições do estado.

Se o bispo de Beja propoz a demissão dos padres Ançãs, como affirmam os seus defensores, reconheceu que não tinha poder ou competencia para os demittir, e esperava, portanto, que o ministro o fizesse.

Desde que o ministro não respondeu, querendo mesmo conceder ao bispo que, de boa fé, julgasse attendida a sua proposta, logo que o ministro cla-

ramente lhe significou que tal se não dera, restava-lhe apenas, como seu subordinado, obedecer ás indicações ministeriaes. D'isto não ha fugir.

Tomar o silencio do ministro como acquiescencia aos seus desejos, só poderia admittir-se até á quebra d'esse silencio.

Nem a praxe, se a houvesse, podia alterar a lei.

Tambem é praxe consentir que alguns maduros se batam em duello e essa praxe não revogou os artigos do Codigo Penal que o punem e que podem em qualquer altura fazer-se cumprir.

Tambem é praxe tolerar o jogo d'azar e ás vezes assalta-se uma batota e condemnam-se os pontos.

Tambem é praxe liquidarem-se pontos d'honra de pistola e sabre em punho, e o ministro da guerra preferiu empunhar contra o General Dantas Baracho uma ordem de marchar para Elvas; e digam-lhe lá que elle não sustentou o brio e decôro militares, tal como se julgou necessario a quando da demissão do Homem Christo que por signal não é Christo e muito menos homem.

Mas servem as praxes... para o bispo; são praxes com... esturro.

Final parece-nos que se impõe uma soluçao unica.

Passarão á cathegoria de cidadãos com os direitos e com as obrigações de qualquer outro todos os padres e bispos que deixarão de ser funcionarios publicos e sobretudo privilegiados.

Como não são artigos de pri-

meira necessidade, remunerar-os-ha quem precise d'elles.

Aos que dizem ser elles uma necessidade espirital, concedam-se escolas officiaes que faltam agora emquanto aquelles sobejam.

Necessidade material creio ninguem affirmar que elles sejam; mas se a tanto chega a phantasia dos seus apaniguados e se n'elles ha algum principio de justiça hão-de confessar que tambem o é, e portanto deveria ser fornecido gratuitamente pelo estado, o transporte habitual do viajante de Luso á Cruz Alta ou de Cintra ao Castello dos Mouros.

Carvalho de Souza.

### A OBRIGA

### O EZERCITO

Ha muito tempo que, com inquietação e interesse, de toda a parte se inquire porquê e por quem é o ezercito. Tal succede em todos os tempos, em todos os paizes onde, latente, ha um divorcio formal entre o estado e a nação. Tal se ouve em Portugal ha uns anos desde que o povo, sistematicamente abstencionista e cético de bom humor, a pouco e pouco foi sendo ganho por uma ideação coletiva de mudanca jeral de vida. Na emergencia d'um quaze certo conflicto, nas vespas d'ajitado e revoltado periodo, a pergunta torna insistente.

Porquê e por quem é o ezercito:—isto é, na hora de virem ás mãos o Portugal velho, representado na monarchia, e a nova sinteze nacionalista, expressa pela Republica, nessa hora, por qual dos dois adversarios se determinará a força reolutiva da corporação militar—por quem: pela monarchia ou pela republica?

Como a esfinje pelos faraós collocada entre o deserto e as aguas verdes, como a sombra de invisiveis saliencias, afirmar, aqui, parece infantil.

Na verdade, embora, teimemos. Porque e por quem, bate por dentro da farda o coração pundonoroso das nossas forças de mar e terra?

O que são elas nos seus elementos, o que valem, emfim, no seu todo?

Vamos a vêr—sem lunetas.

O soldado portuguez, povo extremo, no significado jeral, vulgar, de filho da parte pobre e não protegida da nossa jente; o soldado portuguez, o marinheiro portuguez, arrancados ao campo, á fabrica, ao mar, a todos os misteres que dão para se viver de larica, se alguma coisa ganham, nos rejimentos e no meio civilista dos centros grados, é o sentimento patriotico; com a solidariedade emocional por tudo o que seja popular, portuguez, patriotico.

Isto quanto ao soldado, e, maiormente, com penetração e aprumo, quanto ao sarjento:—o soldado raso, o sarjento anonimo.

Os officaes que na quaze totalidade tomam os logares das fileiras são das classes medias trabalhadoras, da burguezia, que, em Portugal, é ainda a classe mais portugueza. São das provincias e de familias honestas, de cidadãos ezemplarmente homens probos, representam, no meio militar, as tendencias da sua classe, do meio paizano a que se associam, do tempo ambiente. Conservam, dentro da farda, a judicioza sensatez, o espirito de equanimidade e as tendencias e anceios civilizatorios do funcionario, do agricultor, do comerciante, do industrial; de todo o homem de profissões liberaes mais ou menos livres.

Duvidar do seu fervor patriotico, e do criterio e pensar atuais que se lhe agregam ampliando e nobilitando a idea civica fundamental,—seria injuria calunioza.

Duvidar, tambem, do seu conhecimento, do sentir e analizar com que acompanham os factos e com que julgam os homens, não é possivel, tampouco.

Os officaes do nosso ezercito, da

nossa armada, são cidadãos portugueses, d'aquelles, precisamente, em que mais vive e se exalta o amor ao torrão natal; com todos os votos intimos que esse affecto consciente arrasta a fazerem homens. Não será d'elles portanto, que a patria, a liberdade, o progresso, tenham a receber atentados, que, vê o a mais elementar das noções seriam o termo e o opróbrio da nossa existencia. Os officiaes, os soldados, o exercito, na hora em que o povo, rôtos os diques se arroje á conquista do que carece para ganhar a liberdade, viver com honra e trabalhar com proveito, nessa hora, que hade vir, que hade sêr, não lho irá impedir homicidamente. Ainda se admite que fique em casa, observando das janelas dos quartéis com curiosidade e uma grande doze de simpatia os movimentos e os sacrificios do povo; é inacreditavel que saia á rua—para o impedir de fazer justiça e escapulir-se da morte.

A monarchia nova, como a velha dos adeptamentos e do rotativismo, caiu depressa na ezecração e no asco publico, se é que, ainda, chegou a têr umas pitadas de confiança, de conceito. Agora, na ultima faze de coito com a reacção, acabou por enterrar-se de todo, de vez, miseravelmente; e não será crime possivel, que sangue dos soldados e sangue do povo se fundam na mesma poça em homenagem á coroa.

O exercito é portuguez—tanto basta. Pertence á idea de patria, e vive na comunhão do sacrificio e da honra, sempre, jenerosamente, dispostos a servir a cauza comum.

Poderia e poderá não sêr um exercito republicano, tendo de encontrar-se, no entanto, com a republica—para levarem o mesmo caminho, e realizarem a mesma irrevogavel tarefa.

A patria, hoje, é a republica: solução nacional excluziva.

E, elevadamente, a patria é o exercito.

Antonio Valente.

## ECHOS DA SEMANA

### Na Grecia

É uma verdadeira revolução transformando, profundamente, toda a vida nacional o que ora sucede na Grecia. Episodio sem valor foi a revolta dos torpedeiros, breve submetidos á lei; como embaraço de pouca dura é a hostilidade, mais aparente do que real, das potencias protetoras aos actos do novo governo liberal. Cazo curioso e novo, a revolução grega, penetrou em todas as classes, e, pacifica como tem sido, até agora, trouxe ao debate e á critica todas as intanjablidades antigas. Até os padres fazem causa comum com o movimento, revolucionando, por sua vez, a rigorosa e ferrea hierarquia. Assim, em Atenas, como em toda a Grecia, o baixo clero, o padre humilde e pobre, revolta-se e ataca, violentamente, os magnates da igreja. Por todos os templos, ardentes e até agora obscuros sacerdotes, castigam publicamente a cupidéz a grosseria, o feito hypocrita dos bispos, e reclamam que o espirito novo penetre nos escuros humbraes da igreja, exigindo reformas nos estatutos teurgicos e ritualistas. O povo acompanha-os entuziasticamente, e sanciona, com o seu aplauzo, a orientação combativa e reivindicadora do baixo clero, de modo que não será difficil o Santo Sinodo e os orgulhosos mitrados resignarem-se a submeter-se. É um característico revolucionario, que valeria a pena ensaiar neste jardim de... pacovios á beira mar,—e não o perca d'olho o nosso clero;—escravo do jezuita, escravo do bispo, e escravo, até, da mexerique e dôr de barriga do beaterio. Olhem p'ra os gregos—que aprendem, vendo, a sêr homens.

### A estatística

A situação reaccionaria e inquisidora da Espanha tem feito que, para aquellas bandas, se olhe de

toda a Europa com repulsiva curiosidade. Ha, em terra hispanhola—pela ultima estatística, 1903—nada menos de 3253 conventos, e calcula-se, pelo seguro, que depois da expulsão das ordens religiosas, em França, somente pela fronteira de Irun penetraram no paiz vizinho 8000 frades e freiras. Em 13 anos—de 1896 a 1909—augmentou de 152 o numero dos conventos na provincia de Madrid. Em Barcelona, e no resto da Catalunha, é de 400 o numero dos conventos.

Um verdadeiro sudario—a peste negra que infecta a Espanha. Nos caminhos de ferro, nos passeios das cidades, nas estradas, é d'uma vulgaridade sinistra a passagem de ranchos de frades e jesuitas, negros e austeros como Torquemadas autenticos.

Cheia de frades!... Cheia de freiras!...

Como é que assim hade a pobre Espanha pertencer á mentalidade europea, e compreender a liberdade e a civilização dos vizinhos...

### Fogo sagrado

Animada, louavelmente, dos fervidos principios liberaes, em editorial, «A Discussão» atira-se de frente ao ultramontanismo.

São suas estas palavras: «abafam-se, amordaçam-se ideas e sentimentos liberaes e deixa-se triunfar o clericalismo e a reacção». Sem que tenhamos que aditar—é assim mesmo. E assim foi—assim mesmo—quando, em 18 de abril de 1901, por um decreto gazua, Hintze Ribeiro legalizava as congregações clericalistas, permitindo-lhes—o ensino! Isso fez retroceder de mais de cinquenta anos as instituições liberaes (vidé Trindade Coelho, Manual Politico), e não ha duvida de que fala, como um evangelho, o semanario rejenerador. Pena temos nós de não termos lido os vigorozos artigos com que combateu Hintze Ribeiro, e o seu decreto liberticida—como liberal de principios.

Certamente, devia sêr couza rasgadamente liberal.

### Novidades

Até morrer aprender, d'z um sabido rifão, e o que eles dizem é uma escritura. As «Novidades» e o «D.a» na sua campanha de despeitados contra o Wenceslau do governo, encham-nos de pasmo escrevendo que o *bloco*—dissidentes, teixoiristas, vilhenistas—tivera a formal promessa de que o atual governo, se constituiria, para lhes fazer a sua politica.

E na melhor boa fé do mundo, cá por fora, a jente a imaginar que o governo nascera e ia vivendo para fazer a politica... do paiz. Realmente! Fazer a politica do *bloco*...

Nada ha que valha o fructo das zangas.

### Pavorosa

De tanto a havermos anunciado já lhe não vemos saíla, sem que reste duvida alguma de que muita jente a deseja. Figura na fila o governo, ameaçando com noticias terroristas, provocando alarmes que só servem para nos encravar, dispondo, ou fingindo dispor, as coisas para um longo e operoso estado de guerra. Ele lá sabe porquê, sem que seja cazo para extranhezas metter-se áquilo como as creanças que brincam com o fogo—incendiarios inconscientes. Tão faltos de tino... Tão cheios de cataratas...

### Bismarck

Com a mania das confrontações, não falta quem chame ao grande politico morto, Ito, o Bismarck japonéz. Salvo o devido muito respeito que nos mereçam as frases feitas e as ideas correntes, entendemos-nos que é apoucar a figura rara de Ito pondo-o ao nivel do principe de ferro jermanico. Bismarck, na unificação da Alemanha, encontrou o guizado feito; e nas vitorias do imperio encontrou emulos que o valiam. A Alemanha estava na civilização, e era, ao tempo, o cerebro

da Europa, alem de, pelo jenio politico das suas massas, se prestar sem dificuldade ao trabalho concentrante e expansivo que lhe ezju o chanceler de Frederico.

O japonéz teve mais difficil e mais delicada faina que, só, contra tudo e todos—levou a cabo. Fez pelo seu esforço, pela sua audacia, pela sua coragem, pela sua inteljencia vivaz pelo seu fervor patriotico a assombroza transformação que mudou o Japão barbaro e envilecido, de ha sessenta anos, no grande paiz que é hoje. E no terminar d'uma grande vida, morrendo varado pelas balas d'uma patria oprimida e vilipendiada, foi ainda grande e dominador.

Bismarck?... Upa!

### Gralhas

Mais uma vez o nosso protesto: é evidente—protesto vão.

Não tem emenda possivel os nossos inquízidores tipograficos, e, assim, no ultimo numero d'esta folha, estropiaram, medonhamente, esta secção dos echos e notas. Falava-se no urso de todas as Russias; suspeitamos que havia de sêr partida de qualquer devoto mujik, muito bronco, muito maldozo.

Ora pois.

### Mais jogo

No Furadouro joga-se ainda. Não ha pesca, não ha bom tempo, mas ha batotinha e rolêta.

Valha-nos isso. Ao menos não falta o essencial.

Pesca, bom tempo? Ora adeus! Rolêta, rolêta, é o que se quer e essa não falta, graças a Deus... e ao sr. administrador.

Se ha por ahí alguma alma caridosa, pedimos-lhe responda e nos eluide sobre o seguinte:

A actual firma é Pacheco & C., Successores, ou firma nova?

Qual a quantia por que contractaram com o sr. administrador a jogatina?

Porque n'este particular defendemos o bom Pacheco; este jogou honradamente.

E o velho sapateiro de Braga lá está a businar: «Ou todos comem ou haja moralidade».

Quando a «Discussão» perguntou quem recebia o preço da compra da lei, o «Jornal d'Ovar» disse-lhe que soegasse.

Se o collega quizesse e pudesse, claro, dizia nos se os homens pagaram?

Isto é mera curiosidade.

## ARA

### Acuação Á Cruz

Ha muito, ó lenho triste e consagrado! Desfeita podridão, velho madeiro, que tens avassalado o mundo inteiro, como um pendão de luto levantado.

Se o que foi nos teus braços cravejado foi realmente a Hostia o Verdadeiro, Ele está mais ferido que um guerreiro para livrar das flexas do Pecado.

Ha muito já que espalhas a tristeza, que lutas contra a alegre Natureza e vences ó Cruz triste! Cruz escura!

Chega-te o inverno, simbolo tremendo Queremos Vida e Ação.—Fica-te sendo um emblema de morte e sepultura.

Gomes Leal.

## Carta de Lisboa

Esta bela e grande cidade que, agora, ás primeiras aguas do inverno, se povoa de lindas mulheres, de politicos, de todos os seus ociosos, que a haviam deixado só ao cair dos soalheiros rudes, «cidade de marmore e de granito» como no seu estilo grandiloquo a batzava Herculano, ou «Lisboa das naus e da conquista» como d'ela disse um desventurado poeta morto, agora, estes dias ultimos, tem tido festas encantadoras. A uma quero referir-me, deixando em salmoura a politica que vae fêra, que vae divertida; e essa é a expozi-

ção de crisantemos nas escadas e no atrio do municipio.

Eu lhes conto.

A camara municipal de Lisboa tem, para os lados do Campo Grande, um magnifico horto onde a cultura das flores é tratada magnificamente. Ali desabrocham, esplendem e marcham lindos exemplares de floricultura, num isolamento triste, num sequestro injusto—pois que as flores, como as mulheres, carecem do logar publico para serem admiradas no triunfo eterno da beleza; carecem de sêr vistas para que o côo dos gabos vibatilize o ambiente onde elas haurem a vida, a mocidade, a esplendidez.

As flores e as mulheres—bem o sabem...

Ora os crisantemos do municipio estavam condenados, ha muitos anos, á triste existencia do anonimato absoluto. Nunca desciam á exposição, nunca eram vistos: levavam, desde o nascer ao morrer, uma insipida vida de reclusos. Isto—os crisantemos! A flor imperial do Japão! A religião unanimemente nacional de todas as provincias niponicas! Os crisantemos, que no paiz ezotico e maravilhoso das *musumés* são de um simbolismo e de um animismo complectamente nativos! Esses hieraticos e supremos exemplares do poder concecional da floricultura, para os quaes em todo o Japão se organizam as mais gloriozas e mais bemqueridas festividades!...

Entre nós, como incompreendidos e inestimados estranhos, na confinção dum parque deserto, sob as chufas do pardalido boçal e sob as chicotadas, as inclemencias da chuva. Aquellas preciosas e ricas flores! Era barbaro. Ora a camara municipal de Lisboa—a actual, a republicana—mizericordiosamente, reparou o mal feito nos tempos idos.

Lembrou-se dos desterrados crisantemos, decidiu mostral-os ás lisboetas numa magnifica festa de côres, de atitudes, de individuos insolitos. Para isso, a escolha foi uma associação venturosa do garrido, do aprumo, do *beautiful* dos vagos floridos com a meia luz discreta, macia, do atrio e escadaria monumentaes do edificio. A disposição, o conjunto, a linha ordenada das variedades, tudo aquilo sabiamente escolhido; tudo aquilo dando-nos a presença dum sentimento artistico que é, talvez, caso virjem, na historia dos nossos homens publicos, na biografia parca dos nossos Pachecos, tradicionalmente—capitães mores.

Festa das flores, e quem diz flores diz mulheres, assegura o galante Gomes Leal, teve um belo ezito de publicidade e fez-se, assim, desta vez, justiça ás magnificencias floreaes desabrochadas no *Dai-Nipon*. Bem haja a camara pelo ter feito.

Todavia, não apreciamos a novidade, unicamente, no ponto de vista poetico da glorificação dos crisantemos; vejamol-a na sua significação do estado etiolojico a que se reporta. É curioso e importante—vale a pena parar se aqui.

Num estado monarchico aggressivo, premeditando ferocidades, num ambiente cheio, até á saturação, de incompatibilidades cuja deflagração mais dia menos dia é inevitavel; num tal estado de guerra, uma nação nova, a democracia em exercicio, ocupando-se dos interesses e do bem viver citadinos, não despreza mas, antes, afirma o culto pela beleza. A hora em que a velha monarchia dos incontaveis Braganças se estorce nas malhas da sua ultima inepecia, e da sua final, nefasta e senil inclinação pelos fetichismos do agiolojio loiolaceo, á hora em que, nas sacristias, e n'aquelles logares em que, segundo o Sampaio da Revolução, se conspira sempre, ezatamente só ha pensamentos torvos; nesta hora, ao contrario do estado inimigo, a municipalidade republicana, realiza uma festa ás flores—isto é á paz e á beleza.

É um contraste—definidor de dois campos. Do lado da monarchia tudo sobresaltos, ameaças, manifesta vontade de «dar para baixo»; sem se receber pelas consequencias que á nossa vida economica e á nossa honrabilidade civil tal estado de couzas traria, do lado da primeira en-

tidade oficial republicana da nossa patria, muito pelo contrario, um espirito de progresso, de acordo, de atividade pacifica, de afan embelezador.

Assim as couzas, evidente se torna o convencimento de que o verdadeiro poder, a verdadeira iniciativa intelijente, pertencem, já, á republica. Não é esta ainda a forma politica do governo da nação, não está ainda nos ministerios, não são suas, por enquanto, as engrenagens do poder, e, todavia, verifica-se já, em todas as couzas, que o seu pensamento é o fundo determinante do viver e do querer comuns. Nesta bela capital d'um modo completo; e é por isso que eu reputo impossiveis as pretensões da reacção catolico-politica. As pavorozas, as bombas de encomenda, as prevenções militares, o aumento das forças de guarnição, a pressa nas esferas governamentais de se chegar ás mãos com o povo, isto é, com a idea e a fé da Republica, tudo isso se nem destroe as convicções e a consciencia publica, nem sequer ao menos faz medo. Lisboa hade enterrar o rejime quando mais, talvez, se tenha descrido do povo; sem que a muralha de ferro e fogo em que a monarchia se esconde lhe valha de mais que... ajudal-a a cair.

A sociedade é vigorozamente republicana, os homens que a servem representam as modernas tendencias da idea humana: é insensatez querer afogal-as numa chacina; ilaquel-as num «quet-apens».

Minusculos.

## A Junta Liberal e a Reação

Perante a subserviencia miseravel com que o governo beato de D. Manoel, rei fidelissimo, decidiu o conflicto do ministro da justiça e do Bispo de Beja, perante a confissão tacita, clara, desmascarada, de ministerio jezuita, a Junta Liberal para não morrer vergonhozamente tinha o dever de aceitar o repto e incitar á luta sem treguas no novo campo em que fica o pleito.

Sem que possamos depôr confiança por ahí além na ação combativa das agremiações liberaes que em Portugal com varia fortuna tem havido, desta vez quer nos parecer que algo de pratico irá por deante opondo uma forte barreira aos desmandos e absorvencias clericalistas.

A atual Junta Liberal vae combater vigorozamente o ultramontanismo e naturalmente da lo o fracasso constante das manifestações legalistas, das representações ao poder, abster-se-ha judiciosamente d'essa inutilidade em que se consomem energias e em que se esvaem esperanças com prejuizo da Ação preciza. Terá pois de preparar meios de sêr ouvida que calem e façam repercussão, e como taes assuntos não são para anunciar em cartazes, respeitemos nisso o seu silencio.

Do que sabemos temos fundada esperança em lhe verificar os resultados beneficos, do que sabemos, a realização de conferencias anti-clericaes nas provincias, algo decerto se lucrará. É essa uma necessidade que ha muito era sentida, pois nada mais necessario que nos logares onde o reaceonario dispõe como absoluto senhor da tribuna ahí fazer pela mesma transmissão oral a historia e a critica dos desmandos e paixões vis que engordam com a cumplicidade da igreja.

O catolicismo nas suas relações com a sociedade civil raras vezes se nos apresenta sob um aspecto aceitavel e como nas epocas barbaras quer agora reapossar-se do homem—liberto relativamente na nossa idade racionalista. Quere-o e é tal a atividade e meio de que se serve que acabará por vencer se lhe não derem de rosto—battendo-o nos seus redutos. O melhor meio para isso é a conferen-

cia, a palavra advertidora e ensinativa.

Em cada uma das nossas fanatizadas provincias do norte series de conferencias combatendo o jehuitismo e o desvirtuamento devocional eis um dos processos mais praticos, mais realizaveis, mais uteis, na tarefa libertadora. E' o que rezolveu a Junta Liberal anunciando para muito em breve conferencias d'essas em diversas e importantes localidades e no cumprimento de seu proposito tendo já dado o primeiro passo com a notavel conferencia de Miguel Bombarda em Lamego.

Publicamos o programa geral das conferencias a realizar, programa vasto, que abranje o seguinte:

I

Os ensinamentos da Historia

- 1.ª—As religiões e o Estado.
- 2.ª—O predomínio da Igreja sobre o Estado, segundo a mesma Igreja.
- 3.ª—A historia dos jesuitas na sua acção sobre o poder civil.
- 4.ª—Os jesuitas e a reforma.
- 5.ª—Os jesuitas e o Paraguay.
- 6.ª—Os jesuitas e o dominio portuguez no Ultramar antes da lei de Pombal.
- 7.ª—Os jesuitas e a educação da mocidade em Portugal.
- 8.ª—Historia da expulsão dos jesuitas dos diferentes paizes.
- 9.ª—Historia da inquisição.
- 10.ª—A inquisição em Portugal.
- 11.ª—Os conventos e a fanatização dos povos.
- 12.ª—A religião catholica e os progressos da humanidade.
- 13.ª—O socialismo catholico.
- 14.ª—As guerras entre dominicanos e jesuitas.
- 15.ª—As perseguições religiosas.
- 16.ª—A igreja e a civilização moderna.
- 17.ª—Origem das riquezas da Igreja.

II

A Igreja e as Congregações Religiosas

- 18.ª—Acção das Congregações Religiosas sobre os povos.
- 19.ª—A vida dos Conventos.
- 20.ª—A vida conventual e a pathologia.
- 21.ª—A mão-morta das Congregações.
- 22.ª—As perseguições do ultramontanismo.
- 23.ª—O clericalismo na politica.

III

Clero Nacional

- 24.ª—Meios de subtrair o Clero Nacional á influencia das Congregações Religiosas.
- 25.ª—Seminarios.
- 26.ª—Reforma do Instituto das Missões Ultramarinas.

IV

Educação Congreganista

- 27.ª—Escolas Primarias Congreganistas e a constituição da familia.
- 28.ª—Educação intelectual e moral da mocidade nos Collegios dos Jesuitas.
- 29.ª—O ensino congreganista e a sociedade portugueza.
- 30.ª—As instituições sociaes de caracter religioso (circulos operarios, officinas de S. José e outros).
- 31.ª—A educação religiosa nas Escolas e Collegios.
- 32.ª—A moral theologica.

(\*) FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

Como não havia em Calvos o costume rigoroso dos aguadeiros, o trôlha ensaiador vestiu-o de almocreve, com as botas fegadas, fxa branca e em mangas de camisa, com uma monteira comprada em Tuy. A cara era ao proprio, d'uma verdade typica. O Pantufo, um saloio rico que queria casar com Mathilde, e foi bigodeado pelo fingido medico, vestia a melhor andaina de fato do presidente da camara, um apaixonado pelos entremeses, que a gravidade das suas funcções impedia de representar; mas emprestava a roupa e a intelligencia dramatologica. Havia mais duas figuras, o Falcete, e o As-

V

Asilos e Hospitaes

- 33.ª—Asilos, ensino, assistencia e hygiene.
- 34.ª—Hospitaes, enfermagem congreganista.

VI

Acção Congreganista sobre a mulher

- 35.ª—Associações femininas de caridade, casas de costura, asilos do Bom-Pastor, etc.)
- 36.ª—Associações femininas culturais (filhas de Maria Zeladoras do Santissimo Sacramento, Apostolado da Oração).
- 37.ª—A mulher na propaganda clerical e os seus meios de acção.
- 38.ª—A educação liberal da mulher.

VII

O Futuro

- 39.ª—Meios praticos de promover a extincção das Congregações Religiosas.
- 40.ª—Meios praticos de desenvolver o ensino laico.
- 41.ª—Reforma do ensino secundario.
- 42.ª—Vulgarização científica e meios praticos de a realizar.
- 43.ª—Meios praticos de alargar a assistencia publica.
- 44.ª—Creação de cursos de enfermeiros.
- 45.ª—Meios praticos de desenvolver a educação politica do povo portuguez.
- 46.ª—Missões laicas no Ultramar (medicos, professores d'instrução primaria, etc.)
- 47.ª—meios praticos de chegar á separação da Igreja e do Estado.

FERRER

Derradeiras disposições

A maior parte dos nossos jornaes deram, transcrita, de «L'Humanité» a sumula do testamento do assassinado pelos padres e pela monarchia da Hespanha. A varonil, a nobre, a limpida alma de Ferrer, esplende a cada curta passagem desse ditado dos ultimos pensamentos e da derradeira vontade e formidavel o brado de innocencia irrompe caudal vivo ardente do testamento do educador admiravel.

Ferrer é até á morte o espirito delicado, subtil, o homem de ciencia, o homem da modestia racionalista, absolutamente apartado das pequenezas pessoas e das vaidades antropomorfistas.

Quer-nos com o cerebro e o coração precavidos contra a deficação mesmo dos martires e confessores da verdade e os seus ultimos pensamentos são para a Escola Moderna cuja prosecção e avance recomenda ao cuidado, á intelligencia, ao carinho dos seus amigos. E' um documento de valor o seu testamento, pelo que afirma, e pela segurança, pela fé, pelo ardor, pela serenidade que ensina. Que diferença se o cotejassemos com as finaes miserias dos potentados, dos papas, dos reis...

Damol-o, aqui—eil-c:  
«Protesto, antes de mais nada e com toda a energia possivel, contra a situação inesperada em que me collocaram e o castigo

que me infligiram. Estou convencido de que dentro de muito pouco tempo, a minha innocencia será publicamente reconhecida. Desejo que em nenhuma occasião proxima ou remota, nem por qualquer motivo, se faça ante os meus restos, manifestações de caracter politico ou religioso, considerando que o tempo que se emprega a ocupar-se dos mortos será melhor empregado em dulcificar a situação em que se encontram os vivos», a maior parte dos quaes tem disso grande necessidade.

Quanto aos meus restos, deploro que não haja forno crematorio nesta cidade, como em Milão, Paris e tantas outras, porque se não podia que ahi fossem incinerados. Faço votos porque em tempos não distantes desapareçam os cemiterios, para bem da hygiene, e sejam substituidos por fornos crematorios, ou por outro qualquer sistema que permita a rapida destruição dos cadaveres. Desejo tambem que os meus amigos falem pouco ou não falem de mim, porque, quando se exalta os homens, se julga que são idolos, o que é um grande prejuizo para o futuro humano.

Unicamente os actos, procedam de quem proceder, devem ser estudados para exalta-los, ou para execra-los. Que os elogiem, para que sejam imitados, quando pareçam concorrer para o bem comum. Que os castigam, para que se não repitam, se forem considerados nocivos ao bem estar geral.»

COMUNISMO

(Continuação)

Que valeriam as minas, fabricas, estaleiros e vias ferreas se o montão de mercadorias transportadas diariamente por mar e terra?

Milhões de seres teem trabalhado para crear esta civilização de que nos orgulhamos. Outros milhões, disseminados por todos os cantos do globo, trabalham para a manter.

Sem eles, só restariam escombros ao cabo de poucos anos.

Tudo até ao pensamento, á invenção, é facto coletivo, nascido do passado e do presente. Milhares de inventores conhecidos ou desconhecidos, mortos na miseria, preparam a invenção de cada uma das maquinas em que o homem vê o seu jenio.

Milhares de escritores, poetas, sabios, trabalharam para elaborar o saber, dissipar o erro, crear esta atmosfera de pensamento scientifico, sem a qual nenhuma das maravilhas do nosso seculo teria podido fazer a sua aparição.

Mas estes milhares de filosofos, de poetas, de sabios, e de inventores não tinham, tambem eles, sido suscitados pelo labor dos seculos passados?

tinha vindo com elle. Perguntei-lhe quem era o fidalgo. Diz que não sabe. Esta canalha em vendo um bigorilhas de casaco chama-lhe fidalgo.

—Venha já d'ahi comigo... Por quem é não se demore... O' abba-de lembra-se de vêr el-rei em Braga ha treze annos!

—Ora se lembro!... Beijei-lhe a mão trez vezes.

—E, se o vir agora, conhece-o?...

—Parece-me que sim—o padre limpava á pressa os beiços amarellos dos ovos do arroz doce.—Mas isso que quer dizer? Você está doído, ou temos carraspana, amigo Nunes?

—Homem! venha comigo, e depois chame-me doído ou borrachão, lá como quiser; mas não se demore que eu estou em brasas vivas.

—Ahi vou, ahi vou, não se atrigue. Vai uma pinga do chôco?

—Venha de lá isso.—Bebeu d'um trago, e pediu outro:—Agora, á saude de el-rei! á saude d'aquelle que

Não foram durante a vida nutridos e engrandecidos, tanto fisica como moralmente, por lejiões de trabalhadores e de artifices de toda a sorte; não tiraram a força de impulsão de tudo quanto os cercava?

O jenio de um Séguin, de um Mayer e de um Grove fizeram certamente mais para lançar a industria em novas vias, do que todos os capitalistas do mundo. Mas estes mesmos jenios são filhos da industria e filhos da ciencia.

Kropotkine

(Continúa).

NOTICIARIO

Dia a Dia

Acompanhado de sua esposa e mais familia retirou na preterita semana da sua confortavel vivenda Villa Paraense do Furadouro, regressando á capital, o nosso prestimoso amigo sr. commendador Manoel Pereira Dias.

—Tambem seguiu para Lisboa a sr.ª D. Maria Benedicta d'Oliveira Vaz e Silva.

—Regressou do Furadouro com sua familia o nosso illustre amigo Dr. Pedro Chaves.

—Partiu para Manaos o sr. Manoel Mello, filho do nosso estimado amigo e correligionario Antonio d'Oliveira Mello.

—Appetecemos-lhe feliz viagem.

—Seguiu igualmente para aquella cidade brasileira o sr. José Ferreira Perola.

—Estão incommodados de saude a sr.ª D. Maria Eduarda Ferraz de Liz, esposa do sr. Antonio Augusto Freire de Liz, e uma filhinha do sr. João de Pinho Valente.

—Baptisaram-se no dia 24 de outubro uma filhinha do sr. João Antonio da Silva Lopes, recebendo o nome de Irene, e no dia 1 do corrente um filhinho do sr. Antonio Maria Valente Pereira Rosas.

Dia de Finados

Com toda a solemnidade se registou este dia na nossa terra. Foi uma sentida romagem ao cemiterio, onde uns nas catacumbas, outros nos mausoleus e ainda outros em modestos covaes traduziam clarivamente a saudade de que estavam possuidos pelos seus queridos mortos. Alli as dores e os sentimentos são sempre nobres e respeitaveis.

Lá fomos tambem com a veneração que nos merecem os mortos espalhar as flores da nossa saudade por aquellos que mais caros nos foram.

Todos os Santos

Como tradicionalmente é uso, o dia de Todos os Santos foi d'uma verdadeira romaria para a costa do Furadouro.

Alli centenas de pessoas

talvez esteja bem perto de nós! a cem passos!

—Toquel!—exclamou o abba-de.

Pelo caminho, disse-lhe o Nunes que era preciso o maior disfarce, não olhar muito de frente para elle, e só deviam fallar-lhe, se a occasião viesse muito a geito.

—Você está a sonhar, homem!

Quando entraram á eira, já tinha começado a festa. Verissimo estava em pé, com a mão direita apoiada nas costas da cadeira. D'um e d'outro lado remexia-se a turba, muitas raparigas a rirem dos actores vestidos de mulheres, e uns rapazes com chalaças de uma graça aparvalhada, muito local, a que os do palco respondiam á letra com manguitos, e os que faziam de mulheres batiam palmadas no trazeiro, voltando-o para o publico. Caes ladravam ás figuras; os rapazes davam-lhes pauladas e elles ganiam. As velhas mandavam calar o gentio para poderem perceber as fallas:—Canalha brava, calai-de-vos ahi!—Uma balburdia que parecia um theatro de cidade de primei-

affluiram transformando com a alegria dos seus cantares e o entusiasmo das suas danças a habitual pacatez d'aquella praia em um retiro agradável e festivo.

Para maior atractivo dos forasteiros fez-se ouvir brilhantemente durante a tarde a reputada philharmonica Ovarense.

Emfim um dia bem passado a que não faltou a alacridade, apagnio das nossas gentilissimas patricias que mais uma vez manifestaram os seus predicados de gentileza contribuindo d'uma forma inegavel para o entrain d'aquella diversão.

Fallecimentos

Falleceu na semana passada o innocente Jayme, filhinho do sr. José Corrêa de Pinho e neto do nosso amigo Domingos da Fonseca Soares.

Tambem se finou na mesma semana o menino Justino, neto do sr. Justino de Jesus e Silva. A suas familias os nossos cumprimentos.

Julgamento

Em audiencia geral foram julgados no dia 29 d'outubro os reus Camillo Teixeira e Arthur José Ferreira Rodrigues, o «Cuca», pelo crime de tentativa de roubo na igreja matriz d'esta villa.

O jury deu como provado o crime, contra o réo Camillo, sómente de tentativa de roubo de valor inferior a 10\$000 réis e não provado o crime ao réo «Cuca», de que o juiz o absolveu e dando como expiada ao outro réo a pena de prisão já soffrida.

Misericordia d'Ovar

CONVOCAÇÃO

São por este unico meio convocados a reunir-se no Theatro d'esta villa, pelas 3 horas da tarde do dia 10 de novembro, os membros da comissão preparatoria e installadora da Misericordia afim de serem apreciadas algumas alterações feitas nos estatutos pelo Governo Civil.

Ovar, 28 de Outubro de 1909.

O Presidente,  
José Luciano Corrêa de Bastos Pina.

ANNUNCIOS

Agradecimento

José Corrêa de Pinho (ausente) e sua mulher Roza de Oliveira Soares Pinho, Domingos da Fonseca Soares e Manoel Corrêa de Pinho e familias agradecem, penhoradissimos, a todas as pessoas que os honraram com a sua presença e lhes dirigiram condolencias por occasião do fallecimento e funeral de seu innocente filho e neto Jayme.

A todos protestam inolvidavel reconhecimento.

ra ordem. O tio Gonçalves, o dono da eira, dizia que estavam todos bebados, e voltava-se para o desconhecido, como a pedir desculpa.

—E' entrudo, dizia, é entrudo, senhor! Quando appareceu o padre na cancella da eira, houve silencio com algumas fungadellas de riso das cachopas, e recomeçou a comédia em obsequio ao abba-de e á Arte ultrajada pela hilaridade bruta da plateia. Notaram alguns velhos senhores que o forasteiro das grandes barbas se mantivera muito sério durante a troca da canalha. Assim o dizia o Gonçalves ao abba-de, perguntando-lhe se conhecia aquelle senhor.

—Não conheço,—e acotovelava o Nunes, segredando-lhe com o disfarce:—Você adivinhou. E' elle...

—Que me d'z, abba-de?

—E' elle.  
O Verissimo déra trez passos para accender um cigarro no de um musico que estava sentado n'um bombo.

# TANOARIA

E

## ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

**Carrelhas & Filho, Suc.<sup>or</sup>**

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

**FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO**

●

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e todo o mais concernente á mesma garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

**RUA DAS FIGUEIRAS**

**== OVAR ==**